Helmut Fietz, antigo supervisor de ordenha em Penzberg, prisioneiro político no presídio da Gestapo no Palácio de Wittelsbach, companheiro de cela de Hans Scholl no período de sua detenção de 18 a 22.2.1943

Provavelmente eles não queriam deixar Hans sozinho para evitar tentativa de fuga ou suicídio. O suicídio lhes teria sido inconveniente, pois queriam arrancar ainda mais informações dele e »exterminar o covil«. Quanto a isto eles se equivocaram redondamente. Hans fugir! Isso significaria deixar seus amigos em apuros e ofertá-los a um destino sombrio.

Pois foi exatamente esta a sua maior preocupação nestes últimos quatro dias durante os longos interrogatórios: encontrar um meio para inocentar estes amigos.

Certa vez, após um interrogatório que durou horas a fio, ele voltou à cela terrivelmente triste e abatido. Hans disse: »Agora talvez eu precise entregar alguém. Eu não sei mais como posso contornar esta situação.« Ele esperou pelo próximo interrogatório com o coração apertado. Porém, depois de poucas horas, retornou descontraído e quase eufórico. »Correu tudo maravilhosamente bem, eles não conseguiram arrancar nenhum nome«, disse, feliz. Era impressionante a sua capacidade de manter-se tão alegre até mesmo naqueles dias. E, às vezes, recitava versos engraçados ou dizia coisas que eu não conseguia entender direito. Por exemplo: »O sol resplandece.« Quando eu repliquei: »O sol não resplandece coisa nenhuma, ele brilha«, falou-me num tom ousado e triunfante: »Se eu te digo que ele resplandece, então ele resplandece.« (de fato, o brilho do sol foi inesperadamente mais quente e intenso naqueles primeiros dias de primavera). E, assim, Hans alçou-se à janelinha gradeada no alto da cela e contorceu o pescoço para surrupiar um raio de sol ou um pedacinho de céu. No entanto, tais estados de espírito frequentemente davam lugar a momentos de seriedade. E, apesar disso, eu sempre percebia justamente pelo que estava por trás da aparente alegria de Hans, o quanto era pesado o fardo de sua responsabilidade.

Hans sempre foi gentil comigo. Somente às vezes ele me pedia para não conversar e deixá-lo imerso em seus próprios pensamentos. Todas as noites uma luz intensa ficava acesa na cela. Sabia-se no presídio que os condenados à morte ocupavam estas celas de iluminação clara. Mesmo sabendo disso, Hans não parecia incomodar-se. Ele já contava com a sentença de morte desde o segundo dia de prisão.

Finalmente, chegou a última manhã. Hans ainda me pediu que mandasse lembranças aos pais e amigos. Depois ele me estendeu a mão, amistoso e solene, e disse: »Então, vamos nos despedir agora, enquanto ainda estamos sozinhos.« A seguir, ele voltou-se em silêncio para a parede e escreveu algo no muro branco da cadeia com um lápis que conseguiram para ele. Reinou um silêncio indescritível na cela. Ele mal havia soltado o lápis, quando as chaves rangeram na fechadura e a porta se abriu. Os carcereiros o algemaram e o conduziram à audiência.

As palavras que ele havia acabado de escrever na parede diziam:

»Resistir, apesar de toda a violência« [[1]](#footnote-1)

Segundo os depoimentos orais de Helmut Fietz, provavelmente no outono de 1945 ou na primavera de 1946.

1. Verso do poema Feiger Gedanke, de Goethe, publicado em *Lila*, 2 em 1777. [↑](#footnote-ref-1)